



## **D. Paula: a vida nos olhos**

D. Paula: life in the eyes

Fátima Leonor Sopran<sup>1</sup>

**Resumo:** O conto D. Paula, de Machado de Assis, traz, nos olhos da protagonista, fragmentos de um passado que se “presentifica” por meio da sobrinha. Este artigo tem como tema a construção da sedução e objetiva apresentar essa sedução pelo processo metonímico e pela focalização das lembranças. Para embasamento teórico levamos em conta os estudos de Jakobson (1969), Barthes (2006) D’Onofrio (2004), Radden & kövecses (1999). O estudo demonstrou que na construção do conto são enfatizados os olhos e o olhar das personagens. Olhos sedutores que velam e desvelam, passado e presente no texto. Percebemos aí, não o processo metonímico em si, mas como ele é construído por meio das personagens, das sugestões que se apresentam no decorrer da narrativa.

**Palavras chave:** Dona Paula: sedução, metonímia, olhos, sugestão

**Abstract:** The tale D. Paula of Machado de Assis, brings, in the eyes of the protagonist, fragments of a past that if “makes present” through niece. This article has as its theme the construction of seduction and seduction that aims to present the metonymic process and the targeting of memories. For theoretical background we take in account the studies of Jakobson (1969), Barthes (2006), D’Onofrio (2004), Radden & Kövecses (1999). The study demonstrated that the construction of the story are emphasized eyes and the look of the characters. Seductive eyes who watch and unfold, past and present in the text. We realized there, not the metonymic process itself, but how it is constructed through the characters, the suggestions that arise in the course of the narrative.

**Keywords:** Dona Paula: Seduction, metonymic, eyes, suggestion

### **Introdução**

Este artigo apresenta a análise do conto **D. Paula**, de Machado de Assis, publicado, primeiramente, na Gazeta de Notícias, em 13 de julho de 1884. O conto foi lançado posteriormente em *Várias Histórias*, em 1895, e faz parte de uma nova fase do escritor. **D. Paula** nos conta a instigante história de uma senhora que, pela pessoa da sobrinha, revive um passado que deve permanecer velado.

O objetivo deste trabalho é mostrar a sedução pelo processo de construção metonímica, elucidando os olhos, ponto-chave nesta análise. Eles são, nesta narrativa, uma parte - órgão que descortina o que a memória esconde. Na verdade, é o que afirma Platão: “a vista é o mais sutil dos órgãos do corpo” (1975, p.250). Reconhecendo nos

---

<sup>1</sup> Professora auxiliar da Universidade do Estado da Bahia Campus IX, Barreiras. É Mestre em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010).

olhos da personagem a parte que vela o passado, temos, assim, o processo metonímico da parte pelo todo estudado por Jakobson (1969).

#### **D. Paula: a vida nos olhos**

Non vês que o olho abraça a beleza do mundo inteiro! É a janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento. (Leonardo Da Vinci)

Reconhecemos em **D. Paula** um texto sugestivo e insinuante que, narrado pela protagonista, desfila os fragmentos de um passado inesquecível.

Nas primeiras páginas desta narrativa enigmática, D. Paula chega à casa de sua sobrinha e percebe, em seus olhos chorosos, que há algo estranho. Aí começa o desvendar de um processo construtivo em que os olhos passam a denotar as partes desta história.

No trecho: - “D. Paula entrou na sala, exatamente quando a sobrinha enxugava os olhos cansados de chorar [...] - Que é isto? Exclamou. Venancinha atirou-se-lhe aos braços, as lágrimas vieram-lhe de novo”. (ASSIS, 1998, p. 233). A personagem Venancinha conta a sua tia o motivo de tanto choro e menciona o ciúme de seu esposo. Ele estava desconfiado que ela o traísse. Nos olhos da menina, transparecia certa ambigüidade. Mostravam-se “cansados”, “ternos”, mas, ao mesmo tempo, pareciam esconder uma parte da história. Assim, os olhos vão unindo os fragmentos de uma vida.

A personagem D. Paula também guarda nos olhos um mundo que não se diferencia do de sua sobrinha. Na seguinte passagem, há algo que confirma o caminho percorrido por ela na narrativa: “Era uma bonita velha, elegante, dona de um par de olhos grandes, **que deviam ter sido infinitos**” (1998, p. 233-234; grifos nossos).

O narrador vai apresentando pistas sobre a duplicidade de D. Paula. Ela parece ocultar acontecimentos do passado que a envolveram. Os olhos da personagem eram “infinitos” e desencadeavam vários sentimentos. Percebemos que a própria palavra – infinito - deixa transparecer algo inacabado que, por meio dos olhos da personagem, foi se construindo. A pergunta é: quem é D. Paula?

Esta perspectiva marca um enigma na narrativa e estabelece no texto um jogo com o imaginário do leitor que fica se perguntando sobre qual é a face verdadeira da personagem D. Paula?

Por este ângulo é que se faz alusão à metonímia, algo encoberto pelo tempo. É um processo metonímico que se desenrola, é uma parte que se esconde, nesse caso, nos olhos da protagonista.

Surpreende-nos a maneira como Machado de Assis apresenta suas personagens. Principalmente as mulheres e seus enfáticos olhos tomam parte em muitos de seus textos. D. Paula, aqui, reconhece nos olhos da sobrinha sentimentos contraditórios. Ao mesmo tempo em que parece ser culpada do ciúme que o esposo nutre por ela, mostra-se terna e inocente.

O processo construtivo do texto nos leva a entender que os acontecimentos surgem aos poucos e se instauram passo a passo, como certo prazer que vai se sentindo vagarosamente, conforme declara Barthes:

O texto tem uma forma humana, é uma figura, um anagrama do corpo! Sim, mas de nosso corpo erótico. O prazer do texto seria irredutível a seu funcionamento gramatical (fenotextual), como o prazer do corpo é irredutível à necessidade fisiológica. (2006, p. 24).

É com esta construção prazerosa que os fatos se presentificam, principalmente quando espelhados nos olhos das personagens. Venancinha é outra personagem que apresenta seu mundo por meio do olhar. Ela se mostra atraída pelos olhos de outros homens. Nesse caso, pelo olhar magnético de Vasco. Porém, segundo D. Paula, isso faz parte da idade. Apesar disso, o esposo ainda não estava convencido da sinceridade de Venancinha, ele a reconhece como:

Uma cabeça de vento, muito amiga de cortesias, de olhos ternos, de palavrinhas doces, e a leviandade também é uma das portas do vício. [...]. A tia, porém, abaixava a cabeça para deixar passar a onda, e surgia outra vez com seus grandes olhos sagazes e teimosos. (ASSIS, 1998, p. 235).

O enfoque dado aos olhos da protagonista leva à compreensão da importância destes “olhos sagazes e teimosos” para a narrativa, os quais por meio da construção metonímica disseminam a ambiguidade no texto. Este é um procedimento realizado por etapas. O narrador mostra muito bem a tática da personagem D. Paula procurando convencer o esposo da sobrinha a não levar a sério tal comportamento.

A moça não sai à rua sem atrair os olhos, e é natural que a admiração dos outros a lisonjeie. Também é natural que o que ela

fizer de lisonjeada pareça aos outros e ao marido um princípio de namoro: a fatuidade de uns e o ciúme do outro explicam tudo. Pela parte dela, acabava de ver a moça chorar lágrimas sinceras. (1998, p. 235).

A cada instante em que os olhos aparecem recortam uma parte do passado, proporcionando momentos metonímicos. A atenção do narrador se concentra nos olhos da personagem, pois eles dizem muito. Assim é vista a metonímia por Radden e Kövecses (1999), não se restringe apenas à substituição de um elemento por outro, mas a uma inter-relação entre os elementos que o compõem, produzindo novos significados.

O conto, dessa forma, desvenda os segredos mais profundos que marcam o olhar de suas personagens. Outro exemplo disso é o momento em que D. Paula rememora o passado no instante em que ouve de seu sobrinho o nome Vasco Maria Portela, que “subia a Tijuca, se não em ambas as cabeças, ao menos na da tia, onde era uma espécie de eco, um som remoto e brando.” (ASSIS, 1998, p. 236).

Convém frisar que o passado volta aí para D. Paula. É, na verdade, um recorte do que foi a vida da personagem e que hoje volta devagarzinho, inundando seu espírito, agora, abalado por este “som remoto”, que insiste em retornar. Assim, D. Paula se alimenta do relato do outro, no caso, o da sobrinha.

O outro Vasco, o antigo, também foi moço e amou. Amaram-se, fartaram-se um ao outro, à sombra do casamento, durante alguns anos e, como o vento que passa não guarda a palestra dos homens, não há meio de escrever aqui o que então se disse da aventura. A aventura acabou; foi uma sucessão de horas doces e amargas, de delícias, de lágrimas, de cóleras, de arroubos, drogas várias com que encheram a esta senhora a taça das paixões. (1998, p. 236 - 237).

O narrador nos coloca a par dessa bela construção narrativa que se estabelece gradativamente pela própria D. Paula e que, pelo viés metonímico, estende-se a um passado, hoje recuperado no episódio de Venancinha, a qual, certamente, também se esquecerá deste presente que, conforme diz o narrador, se fará passado, pois “o vento que passa não guarda palestras dos homens.” (1998, p. 236).

Nesse sentido, tanto D. Paula como Venancinha terão apenas recordações, pequenas partes de um todo que hoje se configuram somente em lembranças. D. Paula assim reconhece:

A sobrinha é que lhe levou o pensamento ao passado. Foi a presença de uma situação análoga, de mistura com o nome e o sangue do mesmo homem, que lhe acordou algumas velhas lembranças. Não esqueçam que elas estavam na Tijuca, que iam viver juntas algumas semanas, e que uma obedecia à outra; era tentar e desafiar a memória. (ASSIS, 1998, p. 237).

O trecho acima apresenta os fragmentos do passado, de certa forma circular, pois o que já foi é rememorado pela protagonista. Outra passagem instigante é quando o narrador mostra D. Paula tentando escapulir desse passado.

[...] Forcejou por sacudir fora essas memórias importunas: elas, porém, voltavam ou de manso ou de assalto, como raparigas que eram, cantando, rindo, fazendo o diabo. D. Paula tornou aos seus bailes de outro tempo, às suas eternas valsas que faziam pasmar a toda gente, às mazurcas, que ela metia à cara da sobrinha como sendo a mais graciosa do mundo, e aos teatros, e às cartas, e vagamente, aos beijos. (ASSIS, 1998, p. 238).

Cada trecho desse narrador habilidoso, que consegue jogar com passado e presente das personagens, vai nutrindo o leitor. Na passagem citada anteriormente, a construção metonímica se acentua e D. Paula, aos poucos, tenta esquecer o passado. Porém, ele vem em partes; de toda maneira se apresenta e traz consigo aqueles tempos de glória embebidos de sutileza e sedução, representando, assim, pelo canto, pelo riso, pela dança e pelos beijos o poder de sedução da personagem, que imprime um efeito prazeroso na narrativa. E essas rememorações ainda persistem...

Se ela conseguisse espiar para dentro do coração da sobrinha, pode ser que achasse ali sua imagem, e então... Desde que está idéia penetrou no espírito de D. Paula, complicou-lhe um pouco a obra de

reparação e cura. Era sincera, tratava da alma da outra, queria vê-la restituída ao marido. (ASSIS, 1998, p. 238).

Segundo D'Onofrio, "o eu que narra agora não é o mesmo que viveu os fatos do passado". Esse é um tempo fragmentado, no que tange à memória, ele não pode mais ser inteiro, pois: "no momento da lembrança, os fatos passados são revisados por nossa mente à luz das experiências posteriores aos acontecimentos". (2004, p. 57).

No seguir da narrativa, encontramos momentos cada vez mais instigantes como este em que a sobrinha fala para a tia daquele rapaz cortês e delicado que, como ninguém, dizia belas palavras. No entanto, "não falava de amor, mas perseguia-a com os olhos, e ela, por mais que afastasse os seus, não podia afastá-los de todos." (ASSIS, 1998, p. 239).

A moça expõe para D. Paula a figura daquele que foi o pivô de seu desentendimento conjugal. Encontramos mais uma vez, nos olhos, a luz que ilumina sedutoramente cada passagem da narrativa. Os olhos de Vasco não falavam "de amor", porém perseguiram Venancinha.

A atração que exerce o olhar nessa narrativa também nos conduz aos estudos críticos de Pereira (2008) em que expõe "o efeito de vertigem", o qual se apresenta "do fascínio à perturbação" e exemplifica muito bem o momento em que Venancinha se vê magnetizada pelo olhar de seu amante Vasco.

A sugestão que nasce do olhar é como um ímã que se inscreve no texto. Alerta, assim, o leitor para a percepção da sagacidade instauradora da técnica machadiana, que oculta, desvia, afasta e não deixa de sugerir.

D. Paula continua a ouvir a história de sua sobrinha: "Tinha toda a vida nos olhos; a boca meio aberta parecia beber as palavras da sobrinha, ansiosamente, como um cordial." (ASSIS, 1998, p. 239). Essa citação nos remete ao *flashback*, ao "revisitar", ao relembrar, "tinha toda a vida nos olhos", aproxima do ideário de Bosi, quando o autor diz:

O ser vivo tem, a partir do olho, as formas do sol, do mar, do céu. O perfil, a dimensão, a cor. [...]. A imagem pode ser retida e depois suscitada pela reminiscência ou pelo sonho. [...]. O nítido ou o esfumado, o fiel ou o distorcido da imagem devem-se menos aos anos passados que à força e à qualidade dos afetos que secundaram o momento de sua fixação. A imagem amada, e a

temida, tende a perpetuar-se: Vira ídolo ou tabu. E a sua forma nos ronda como doce ou pungente obsessão. (2000, p. 19-20).

Temos, aqui, a memória apresentada como um filme que não se dissipa mais, mesmo nebuloso e fragmentado estará na lembrança. Nessa concepção de memória, a questão metonímica surge, pois os fragmentos que a lembrança traz vão formando um todo. É um processo que se constrói gradativamente, criando um efeito de sedução que se projeta da personagem para o leitor. Durante essa narração da sobrinha, D. Paula permanece atenta, ouvindo e, ao mesmo tempo, recordando momentos de sua vida por meio das questões que faz à sobrinha.

- Ele declarou-te alguma coisa? – Declarou? [...] D. Paula não perguntou, por pudor, as próprias palavras do namorado, mas imaginou as circunstâncias, o corredor, os pares que saíam, as luzes, a multidão, o rumor das vozes, e teve o poder de representar, com o quadro, um pouco das sensações dela; e pediu-lhas com interesse, astutamente. – Não sei o que senti, acudiu a moça, cuja comoção crescente ia desatando a língua; não me lembro dos primeiros cinco minutos. (ASSIS, 1998, p. 240).

Neste trecho da narrativa, reconhecemos que as “sensações” sentidas por D. Paula vêm aos poucos, acontece um deslocamento nesse instante, a personagem revive seu passado com o presente de sua sobrinha. Estabelece-se, pois, o processo metonímico em que o efeito que atua sobre D. Paula, com o caso da sobrinha, é maior que o acontecimento. Ela imagina cada instante de seu passado por meio da fala da sobrinha. Assim é construído o conto **D. Paula**, no qual notamos duas histórias que se cruzam, parte por parte, recompondo, aos poucos, o todo. Um ardente enigma percorre os olhos de D. Paula.

Tinha os olhos, ora meio cerrados na sonolência da recordação, - ora aguçados de curiosidade e calor, e ouvia tudo, dia por dia, encontro por encontro, a própria cena do teatro, que a sobrinha a princípio lhe ocultara. E vinha tudo mais, horas de ânsia, de saudade, de medo, de esperança, desalentos, dissimulações, ímpetos, toda a agitação de uma criatura em tais circunstâncias,

nada dispensava a curiosidade insaciável da tia. Não era um livro, não era sequer um capítulo de adultério, mas um prólogo, interessante e violento. (ASSIS, 1998, p. 241).

De acordo com Paz (1993, p. 10), esse “agente que move o ato poético [...] é a imaginação”. Percebemos aí que o narrador do conto **D. Paula** demonstra por meio da personagem que a construção metonímica na narrativa se faz também com a imaginação. As pistas impressas pelo narrador apresentam uma personagem de olhar “infinito”, inacabado e ambíguo. Esses elementos permitem ao leitor viajar pelos olhos de D. Paula. Um passeio aguça a imaginação, criando na mente, por intermédio de um processo metonímico, o efeito de sedução.

A imaginação caminha lentamente a cada gesto de D. Paula, são degraus percorridos pelo narrador que levam a uma poética da sugestão e, assim, cada olhar é descoberto no texto a partir desse processo construtivo, que faz os gestos se transformarem em momentos sedutores. Reconhecemos, também, que o jogo com o imaginário se realiza quando o narrador apresenta a história da sobrinha e oculta a de D. Paula. Assim, esse ardiloso narrador cria uma armadilha para o leitor pela ambiguidade entre o ser e o parecer, típico das personagens machadianas.

Na cena final da narrativa, mais uma vez, percebe-se o processo construtivo que está voltado para a metonímia, sugestionando a sedução. Vejamos, pois:

Ventava um pouco, as folhas moviam-se sussurrando, e, conquanto não fossem as mesmas do outro tempo, ainda assim perguntavam-lhe: **Paula, você lembra-se do outro tempo?** – Que esta é a particularidade das folhas, as gerações, que passam, contam às que chegam as coisas que viram e é assim que todas sabem tudo e perguntam por tudo. **Você lembra-se do outro tempo?** Lembrar; lembrar; mas aquela sensação de há pouco, reflexo apenas, tinha agora cessado. Em vão repetia as palavras da sobrinha, farejando o ar agreste da noite: era só na cabeça que achava alguns vestígios, reminiscências, coisas truncadas. (ASSIS, 1998, p. 242; grifos nossos).

Aqui a narrativa é construída poeticamente, a sedução se apresenta a partir do trabalho com o imaginário e tem a ver com as emoções que brotam nas lembranças da

personagem e se marcam no ritmo do texto. O tom lírico e de lamento pela irreversibilidade do que se foi é marcado neste fragmento, que traz a poesia para dentro da prosa. Na repetição, tal qual um refrão, o sussurro sedutor que envolve a personagem transborda para o leitor: “as folhas moviam-se sussurrando”. Percebemos, aí, um encontro com a sedução pelo sussurrar inscrito nas palavras carregadas de ritmo poético. É o prazer das lembranças que se instauram sutilmente como as folhas que secam e caem no outono e tornam a florescer na primavera. Assim, mostrou-se a história de D. Paula que se “presentifica” na de sua sobrinha.

### **Considerações finais**

Reconhecemos que este conto leva para várias interpretações, porém é necessário explicitar que o processo construtivo trouxe-nos uma gama muito grande de considerações. Percebemos que Machado de Assis, em **D. Paula**, utiliza sua técnica narrativa, colocando “a vida nos olhos” da protagonista. Segundo Berrini (2009, p. 8) “Os olhos ocupam um expressivo espaço na ficção de Machado de Assis; porém o que neles importa não é o olhar em si, mas o que se oculta dentro dos olhos”.

Em **D. Paula**, há um processo metonímico que se desvenda por uma perspicaz sedução dos olhos de suas personagens; como disse Barthes (2006, p. 12): “Nem a cultura, nem a sua destruição são eróticas: é a fenda entre uma e outra que se torna erótica”, e é isso que se encontra nesta narrativa, isto é, a sutileza que se instaura entre corpo e alma. São fragmentos que, ocultados nos olhos de uma personagem, ressoam nos olhos de outra e, assim, reconstroem o tempo que se foi recorrendo à construção metonímica e a vazios sedutores de sentidos que o leitor é chamado a completar e recuperar com a sua imaginação.

### **Bibliografia**

- ASSIS, Machado de. Contos. **Uma Antologia**. 2 vol. In: GLEDSON, John (Org.) São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BERRINI, Beatriz (Org.). **Eça e Machado**. Conferências e textos das mesas redondas do Simpósio Internacional. **Eça e Machado**, setembro, 2003. Apresentação Antônio Cândido. EDU, FAPESP, São Paulo.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2001.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto. Teoria da Lírica e do drama.** São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. **Teoria do texto. Prolegômenos e teoria da narrativa.** São Paulo: Ática, 2004.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação.** Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

PAZ, Octávio. **A dupla chama: amor e erotismo.** Trad. Dupont Waldir. São Paulo: Siciliano, 1995.

PEREIRA, Lúcia Serrano. **O conto machadiano: uma experiência de vertigem.** Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2008.

RADDEN, Günter & KÖVECSES, Zóltan. **Towards a theory of metonymy.** In: PANTHER, Klaus-Uwe & RADDEN, Günter (Ed). **Metonymy in language and thought.** Amsterdam: Benjamin, 1999.